

SEXUALIDADE NO 8º ANO DE ENSINO FUNDAMENTAL: REFLEXÕES DE UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA ¹

Verônica Piñeiro Bouzas do Espírito Santo Sampaio (Universidade Federal do ABC – Bolsista PIBID/Capes)²

Márcia Rufino (Rede de Ensino do Estado de São Paulo – Bolsista PIBID/Capes)³

Meiri Aparecida Gurgel de Campos Miranda (Universidade Federal do ABC)⁴

Rosana Louro Ferreira Silva (Universidade Federal do ABC)⁵

Resumo

O presente artigo traz dados observados em uma experiência didática vivenciada por uma licencianda, bolsista do PIBID de Biologia. Ocorreu em uma escola da Rede Estadual de São Paulo, onde trabalhou-se a temática da sexualidade, presente no currículo do oitavo ano do Ensino Fundamental. A ação foi planejada a partir do entendimento de uma educação sexual abrangente que visa auxiliar no desenvolvimento da responsabilidade com o corpo, sentimentos próprios e alheios. Foi possível diagnosticar a falta de informações por parte dos adolescentes a respeito de saúde sexual preventiva e reconhecer sua concepção de sexualidade, a qual envolve

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil

² Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES – Brasil

³ Bolsista supervisora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES – Brasil

⁴ Gestora de Projetos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES – Brasil na UFABC

⁵ Coordenadora do subprojeto de Biologia 2010 – 2012 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, da CAPES – Brasil na UFABC

1.Introdução

O presente artigo foi produzido a partir da análise dos resultados de uma intervenção pedagógica vivenciada no contexto das atividades do Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – subprojeto da Licenciatura em Ciências Biológicas. Entre outras atividades, os alunos bolsistas propõem e executam sequências didáticas com temas propostos pelas professoras supervisoras (da escola), consonantes com o plano de trabalho destas e sob a orientação das professoras coordenadoras (da universidade).

O tema Sexualidade Humana compõe parte do conteúdo da disciplina de Ciências proposto para a 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II, como previsto no Currículo de São Paulo e prescrito nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

A despeito desta importância, é fato constatado em diversas pesquisas que a abordagem da sexualidade na sala de aula configura-se como um desafio para os professores, sendo evitada por muitos, ao tratar de tabus, preconceitos, questões morais e religiosas, de cunho polêmico ou constrangedor.

Segundo Suplicy (1995), é competência da escola a transmissão dos princípios democráticos e éticos que são o respeito pelo outro, por si e pela diversidade. Entretanto cabe à família transmitir os valores morais, pois isso a escolar não pode fazer. Nas palavras de Figueiró (2006):

“ (...) é função da escola, também, ensinar sobre sexualidade para os alunos, não porque os pais, na maioria das vezes, não sabem fazê-lo; não apenas porque existem problemas sociais ligados à vivência da sexualidade, como gravidez na adolescência e contaminação por DST e Aids; mas, sobretudo, porque é função da escola como parte do processo de formação integral do educando.” (FIGUEIRÓ, 2006, p. 18).

Sendo assim, é necessário pensar na conduta a ser seguida pelo professor. Toda a construção do presente trabalho referenciou-se nos pensamentos de autores que possuem uma visão comum do que se entende por sexualidade. Não é possível trabalhar com o reducionismo de conceber a sexualidade apenas como atividade procriativa. O educador deve fugir ao senso comum e proporcionar uma abordagem que demonstre seu caráter social, existencial e cultural (NUNES,1987). Da mesma forma Figueiró (2009) declara que o sexo, a afetividade, o amor, o carinho, a comunicação e a intimidade são todos sentimentos que

fazem parte da semântica deste termo. Portanto, uma educação sexual efetiva só se realiza quando existe sensibilização e respeito.

Confunde-se sexualidade com necessidade física da prática sexual. Para muitos, ela é considerada um artefato natural do ser humano, mas, então, não conseguimos perceber a dimensão política e social que a envolve. Ela está imbricada de rituais, linguagens, representações, símbolos e convenções que a configuram como uma expressão profundamente cultural, e não, apenas, de ordem biológica (LOPES, 2000).

Devido ao seu caráter essencialmente cultural o desenvolvimento da sexualidade está diretamente ligado à dinâmica familiar. A escola, por sua vez, sendo um importante agente formador, tem a responsabilidade de auxiliar na construção da autonomia dos jovens.

O presente trabalho busca investigar e analisar as concepções de adolescentes na faixa dos 13 aos 15 anos sobre sexualidade, saúde sexual, métodos contraceptivos e vulnerabilidade, sob a ótica de uma professora em formação, durante uma sequência didática.

2. Proposta de trabalho

Tendo em vista os conteúdos previstos no Currículo de São Paulo para a 7ª série/8º ano do Ensino Fundamental II e visando auxiliar na formação de indivíduos capazes de se responsabilizar pelo seu corpo e pela sua saúde sexual e a do(a) parceiro(a) (SÃO PAULO, 2008), propôs-se uma sequência didática com diferentes estratégias e recursos didáticos, abordando temas relacionados à sexualidade e contracepção. O registro das expressões orais dos estudantes foi feito através de um diário de regência. Ao final de cada aula relatava-se em um caderno o que havia ocorrido.

Em nossa análise, buscamos não só fazer uma exposição dos métodos contraceptivos e seus mecanismos, mas levantar questões que levassem os alunos à reflexão. A individualidade das escolhas nos cuidados com o corpo, a responsabilidade com os sentimentos alheios e preservação da intimidade foram abordados. Atentou-se para as relações de gênero, as diferentes concepções de homens e mulheres no que se refere à conquista, namoro, virgindade, amor, sexo e diversos outros aspectos.

3. Caracterização da ação

Participaram da intervenção 127 alunos, de 13 a 15 anos de idade, matriculados no 8º ano (7ª série) do Ensino Fundamental II de uma Escola Estadual do ABC paulista. No período de 10 dias foram ministradas, pela aluna bolsista com o acompanhamento da professora supervisora, três aulas de 50 minutos em cada uma das quatro turmas selecionadas.

3.1. Diagnóstico

Na primeira aula foi aplicado um questionário com quatro perguntas dissertativas, que buscavam não ser constrangedoras, com o objetivo de levantar os conhecimentos prévios dos alunos sobre o tema da sequência didática. Na Tabela 1, são apresentadas as quatro questões do diagnóstico e as respostas obtidas.

Tabela 1. Frequência relativa das respostas obtidas com a aplicação do questionário diagnóstico aos alunos das quatro turmas de 7ª série.

Questão	Respostas
“Você conversa abertamente com seus pais sobre sexo?”	Sempre conversa: 40% (meninas)/27% (meninos) Nunca conversa: 47% (meninas)/58% (meninos) Conversa eventualmente: 13% (meninas)/15% (meninos).
“Você acredita estar preparado(a) para iniciar uma vida sexual? Por quê?”	Não, sou muito novo(a): 61% (meninas)/47% (meninos) Não. Falta de informação: 14% (meninas)/14% (meninos) Sim. Já iniciaram: 9% (meninas)/ 11% (meninos) Sim. Mas não iniciaram: 16% (meninas)/28% (meninos)
“Quais os métodos contraceptivos você conhece e quais utilizaria ao transar?”	Camisinha e anticoncepcional: 93% (meninas)/93% (meninos) Pílula do dia seguinte: 4% (meninas)/0% (meninos) Não conhecem: 3% (meninas)/7% (meninos).
“Após uma relação sexual desprotegida, existe algo que possa ser feito para que não ocorra gravidez?”	Pílula do dia seguinte: 49% (meninas)/12% (meninos) Tomar remédio: 21% (meninas)/40% (meninos) Abortar: 4% (meninas)/26% (meninos) Não sabem: 26% das meninas/32% dos meninos

Observa-se, nas respostas, que cerca de metade dos alunos não possuem um diálogo franco com seus pais sobre questões vinculadas à sexualidade. Uma grande proporção das meninas e meninos declaram ser muito novos para o início da vida sexual. Quanto à contracepção, a grande maioria considera o uso da camisinha e das pílulas anticoncepcionais, destacando-se a frequência em que a pílula do dia seguinte é citada.

3.2. Roda de conversa

As carteiras foram dispostas em círculo para dar-se início a uma roda de conversa. A regente apresentou aos alunos uma latinha onde poderiam ser colocadas as perguntas que eles não quisessem fazer em público, as quais seriam respondidas na última aula da sequência didática.

Esta etapa permitiu uma interação muito proveitosa entre a aluna bolsista, a professora supervisora e os alunos, que demonstraram empolgação e desinibição.

Quando foi perguntado o que lhes vinha à mente quando dizia-se a palavra sexo, eles responderam: prazer, cama, filhos, alegria, amor. Pretendendo relacionar afetividade ao sexo foi questionada a necessidade de gostar do parceiro para que se desenvolva uma relação

sexual. Por unanimidade os meninos disseram que não. Já grande parte das meninas consideraram essencial o afeto.

Indagou-se a respeito da virgindade. A regente apresentou uma dúvida: se a menina já teve muitos contatos sexuais com o namorado, mas não houve penetração, a garota é virgem? Não houve uma resposta única para a questão, os alunos ficaram intrigados e a aluna regente versou sobre o que constitui uma relação sexual, pois a partir de qualquer contato sexual uma relação entre dois indivíduos é estabelecida.

Então, foi perguntado como eles se preparariam para a primeira vez. Os meninos disseram que comprariam camisinhas, mas quando foi perguntado qual o momento correto para a colocação da camisinha, muitos não souberam a resposta. Já quando a pergunta foi feita às meninas, elas disseram que tomariam anticoncepcional. Em nenhum momento, as meninas apresentaram a camisinha (masculina ou feminina) como uma medida preventiva. Ficou claro que os alunos desconheciam o uso correto dos métodos contraceptivos que citaram.

3.3. Exposição

Na segunda aula, os alunos assistiram a um vídeo sobre métodos contraceptivos e transformações físicas e comportamentais da adolescência.

Após este momento, a aluna bolsista falou do coito interrompido, do método da tabela e o ciclo menstrual, da pílula anticoncepcional e da contracepção de emergência. Ao apresentar a camisinha masculina, solicitou o auxílio de um(a) aluno(a) voluntário(a) para que segurasse a cenoura, que serviu de modelo de pênis. Uma camisinha foi aberta em sala e colocada na cenoura com a demonstração explicativa de todas as etapas. A aluna bolsista efetuou claro direcionamento buscando eleger a camisinha o melhor método contraceptivo para a faixa etária em questão. Foi dito que as camisinhas são distribuídas gratuitamente em postos de saúde e também possuem baixo custo de aquisição em farmácias.

Logo após, foi apresentada a camisinha feminina e seu funcionamento. A colocação da camisinha feminina causou estranhamento. Perguntaram se podia-se usar a camisinha feminina em conjunto com a masculina.

Os estudantes estavam bastante atentos e participativos, fazendo diversas perguntas sobre o tema que foram respondidas pela aluna bolsista, com a complementação da professora supervisora.

Muitas meninas declararam saber que amigas costumam fazer uso da pílula do dia seguinte após todas as relações. Os riscos de se utilizar esse contraceptivo de emergência com

frequência, como o fato da diminuição da eficácia da pílula e efeitos colaterais, foram enfatizados.

3.4. Respostas às perguntas da caixinha de dúvidas

Na sequência, foram respondidas as perguntas que estavam dentro da latinha. Novas perguntas foram feitas pelos alunos e respondidas pela regente. Este foi um momento de grande descontração. Por vezes, pediu-se que algum aluno respondesse à pergunta e o desempenho deles foi muito bom. As perguntas versavam sobre o ato sexual, a primeira vez, aspectos fisiológicos e comportamentais e contraceção.

3.5. Avaliação final

Uma avaliação da sequência didática foi elaborada com 12 afirmações que deveriam ser julgadas como verdade ou mentira, abordando saúde sexual preventiva e dois casos que versavam sobre situações cotidianas sobre sexualidade. Estes casos apresentavam um comportamento de risco e a proposta era que os alunos dessem algum aconselhamento para os personagens, após problematização e reflexão.

Como resultado, eles demonstraram domínio de alguns conceitos que foram apresentados nas aulas, porém também apresentaram seus valores pessoais sobre moral, amor e compromisso.

Pode-se dizer que os resultados foram satisfatórios, boa parte dos objetivos previstos com a intervenção foi alcançada.

De modo geral, todos gostaram muito e expressaram isso de maneira muito carinhosa e gratificante, como evidenciado no depoimento abaixo:

“ Eu gostei muito desse projeto, e acho que muitas das coisas que ela falou eu nunca vou esquecer, e que serão informações importantes que eu não conseguiria com meus pais/amigos, pois muitos deles também não saberiam sobre essas coisas. (...)”Aluna do 8º ano do EF

4. Discussão

A análise dos resultados dos questionários prévios demonstra que muitos pais têm dificuldade em conversar com seus filhos sobre sexualidade, talvez porque não se relacionem bem com a própria experiência de descoberta sexual (MOREIRA, 2011). Alguns têm o receio de incentivar a prática sexual ao falar de sexo com os filhos, então se calam. Mas esse silêncio também educa, pois permite que as concepções sexuais sejam influenciadas por indivíduos

que não necessariamente estão preocupados com o futuro e bem-estar do jovem em questão. Assim, a história de vida dos pais silenciosos e as práticas dos pares constrói no adolescente um conceito sobre sua própria sexualidade, algumas vezes permeado de informações errôneas (SOUSA, 2006).

Eles têm consciência da probabilidade de engravidar ou contrair alguma doença pelo ato sexual, mas desconhecem as formas corretas de utilização de um preservativo ou de uma pílula anticoncepcional. A pílula do dia seguinte surge como fórmula mágica que livra a garota do constrangimento de exigir o uso do preservativo e dá a certeza que tudo ficará bem, ela não engravidará.

Amado (2001) e Saito (2007) consideram a pílula do dia seguinte um importante método contraceptivo para os jovens. Pois, sua distribuição nos postos de saúde ajuda a diminuir a incidência de gravidez não planejada e não colabora com a promiscuidade, pois os adolescentes não abrem mão de outros métodos para usar o contraceptivo de emergência. Entretanto, na presente análise, observa-se outra situação. Grande parte das meninas analisadas desconhecia o modo correto de iniciar o uso da pílula anticoncepcional convencional e a aquisição da pílula depende da ida ao ginecologista, fator complicador, uma vez que, as adolescentes não possuem essa autonomia. Logo, por não haver um diálogo familiar que possa fornecer orientação, a pílula do dia seguinte passa a ser a melhor escolha. Ela é conseguida com facilidade em farmácias e postos de saúde e promete conferir uma grande eficácia.

Pelos questionamentos dos alunos pode-se observar que eles não se preocupam com as formas de evitar DSTs, a não ocorrência de gravidez é o foco principal, como se as doenças fossem algo muito difícil de se contrair. A gestação, por sua vez, está constantemente presente em seu cotidiano. Rosistolato (2007) relaciona a negligência na prevenção de doenças com a vocação romântica dos adolescentes.

Uma pequena parcela dos adolescentes declara que já teve uma relação sexual completa. As perguntas foram, no geral, bastante inocentes e relacionadas à descoberta do corpo e do prazer.

Durante a roda de conversas foi observada a constituição dos papéis do homem e da mulher dentro do relacionamento afetivo. Na intervenção em questão, observou-se uma tendência entre as meninas de idealizar a relação sexual como um encontro amoroso, já entre os meninos, a de se preocupar com a performance do corpo e a obtenção de prazer. A primeira relação sexual, na visão das meninas é uma experiência de marca permanente que

deve ser realizada com *o cara certo*. Tal sentimento também foi observado por Altmann (2007).

Na intervenção em questão, as garotas não apontaram a *camisinha* como o método anticoncepcional que utilizariam. Este fato é preocupante, uma vez que a pílula anticoncepcional, estigmatizada como símbolo da liberdade sexual da mulher, pode favorecer uma perspectiva na qual a mulher é a única responsável pela concepção, arcando com o ônus de um tratamento hormonal, além de desconsiderar os riscos para ambos de contaminação por DST/Aids. Essa questão foi levada para a roda de conversas afim de sugerir que os dois parceiros devem ser responsáveis igualmente pelas consequências decorrentes do ato sexual.

A repercussão das aulas de educação sexual foi muito positiva, o que fica claro nos depoimentos escritos pelos alunos e as expressivas demonstrações de interesse pelas aulas. Figueiró (2009) atribui a participação ativa em sala à uma metodologia que permita a expressão de sentimentos, opiniões e dúvidas por parte dos alunos. A aplicação de uma didática que difere da aula meramente expositiva, subsidiou a boa interação entre os alunos e a regente. O adolescente se aproxima do professor quando percebe que este o reconhece como igual e está disposto a ouvi-lo (PINTO, 1997).

Conclui-se, portanto, que os adolescentes, apesar da facilidade de acesso à informação e de toda a influência da mídia, ainda são muito mal instruídos à respeito de saúde sexual preventiva. Suas dúvidas são típicas do imaginário juvenil. O levantamento dessas curiosidades mais íntimas abre terreno para a discussão de assuntos mais complexos, como valores, comportamentos, expectativas de vida. Dentro de um diálogo mais aberto e plural os adolescentes passam a dar mais atenção às questões das doenças sexualmente transmissíveis e à gestação na adolescência.

BIBLIOGRAFIA

ALTMANN, Helena. Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, Mai. 2007. p. 333-356

AMADO, C. R. LEAL, M. M. Anticoncepção de emergência na adolescência. **Pediatria Moderna**, n. 37, 2001.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação sexual: como ensinar no espaço da escola. *In*: Figueiró, M. N. D. (org.). *Educação sexual : múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL, 2009. p.190

_____. Interação família-escola na Educação sexual: reflexões a partir de um incidente. In: Figueiró, M. N. D. (org.). Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009. p. 87

LOPES, G. L. Pedagogias da sexualidade, in: Lopes, G. L. *O corpo educado*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOREIRA, B. L. R., ROCHA, J. B. T., PUNTEL, R. L., FOLMER, V. Educação sexual na escola: implicação para a práxis dos adultos de referência a partir das dúvidas e curiosidades dos adolescentes. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, v.10, nº 1, p.64-83, 2011.

NUNES, C. A. *Desvendando a sexualidade*. 7ª ed. Campinas: Papirus, 1987.

PINTO, H. D. S. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: AQUINO, J. G. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. 3. ed. São Paulo: Summus, 1997. p. 43-51

ROSISTOLATO, R. P. R. Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da auto-estima. *R. bras. Est. pedag.* Brasília, v.90, n. 225 p.367-384, 2009.

SEE - SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Proposta Curricular do Estado de São Paulo – Ciências. São Paulo. 2008. p56.

SOUSA, L.B., FERNANDES, J.F.P., BARROSO, M.G.T. Sexualidade na adolescência: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 19, n. 4, Dec. 2006

SUPLICY, M. EGYPTO, A. C.; BRANCO, C. C.; GONÇALVES, E. V.; MENOCCI, D. T.; CASTRO E SILVA, R.; SAYÃO, Y.; SILVA, M. R. da; BOCK, S. D.; SILVA, M. C. P. da. *Sexo se aprende na escola*. São Paulo: Olhos d'água. 1995.